

O “peer review” e as publicações científicas

N

esses 51 anos de existência os Arquivos Brasileiros de Oftalmologia atravessaram diferentes fases em relação à análise e revisão de seu conteúdo científico e, com otimismo, vivemos a atual, caracterizada pelo que, por falta de melhor expressão, também em português, é conhecido como “peer review”.

No passado, por inúmeras vezes, assisti meu pai telefonar a amigos professores, solicitando-lhes artigos científicos para que os ABO não deixassem de circular.

A melhora qualitativa e quantitativa dos oftalmologistas brasileiros capacitados permitiu que a partir dos últimos anos o número dos manuscritos aumentasse e todos os artigos fossem analisados, usualmente por dois revisores independentes.

Mais ainda, garantimos sempre o sigilo total e agora praticamente todos os revisores sentem-se à vontade e com liberdade de reverem os artigos recebidos, sem se envolverem em questões pessoais.

Em relação à “peer review”, o número de fevereiro do Am. J. of Ophthalmol (109 : 221-223, 1990) publica um editorial de Frank Newell sob o título Peer Review que julgamos muito importante de ser conhecido.

Começa por apresentar as palavras “Peer” – igual em posição, alguém que é semelhante, uma companhia, um rival e

“Review” -- o ato de olhar com a intenção de corrigir ou melhorar.

Em seguida, reafirma com razão, o que deve ser conhecido por todos os que fazem, ou se interessam pela ciência: O “peer review” se transformou em sinônimo do que existe de melhor em publicações científicas, o “sine qua non” para a sua respeitabilidade.

Existe mesmo, e inclusive no Brasil, a tendência de se considerar como válido para finalidades de avaliação de currículos, em concursos e promoções, apenas o publicado por este sistema de avaliação.

Não devem bastar os nomes dos autores e suas instituições, por melhor que sejam, para um artigo ser publicado. Mesmo os artigos de revisão e que espelhem experiência pessoal devem ser analisados por grupo independente e experiente, com condições de crítica e de eventual melhoria científica e didática do manuscrito.

Evidente que, para isso, é indispensável a chamada “massa crítica”. Profissionais cientificamente preparados e disponíveis para reverem os manuscritos, apenas pelo benefício de melhorar o que se publica.

Nos Arquivos esta revisão é sempre feita de maneira anônima e confidencial, para se evitar quaisquer constrangimentos de ambas as partes e se evitar o envolvimento pessoal e afetivo. Planejamos também, no futuro, o envio dos artigos aos

revisores sem os nomes dos autores e instituições para se minimizar as bias de interpretação.

Os artigos publicados são evidentemente de responsabilidade máxima dos seus autores mas os editores das publicações e os revisores também são responsáveis.

O leitor tem o direito de assumir que os artigos foram analisados pelas pessoas mais preparadas naquele assunto específico e que os aspectos essenciais de metodologia, redação e apresentação foram cuidadosamente revistos.

O leitor, tendo este direito, está sempre convidado a escrever ao EDITOR dos ABO, se manifestando sobre o conteúdo dos artigos e mesmo requerer que sua carta, respeitando inclusive o anonimato, seja publicada ou enviada ao autor. Ao EDITOR cabe julgar pela oportunidade de seu envio ou publicação. Se optar pela sua publicação esta deverá ser acompanhada pela resposta do autor e encerrar o assunto de maneira formal.

Paralelamente aos artigos científicos, daremos ênfase à publicação de artigos com finalidade didática.

Convidamos os oftalmologistas interessados a contribuir nesta seção a nos escreverem, comunicando o assunto que pretendem abordar. Os tópicos podem ser específicos ou mais abrangentes e sempre de interesse atual dos oftalmologistas brasileiros. Estas contribuições deverão ter o máximo de 6 páginas dactilografadas em espaço 2, o máximo de 6 referências e não mais de 3 tabelas, quadros ou fotos em preto e branco. Todos os artigos serão,

como sempre, encaminhados para revisão e publicados após a aprovação.

Somos uma publicação indexada e o nível dos artigos já está dentro do razoável dentro do contexto internacional. Falta-nos ainda, no entanto, para passarmos a existir, de fato, cientificamente a nível internacional, uma apresentação mais científica dos artigos, e em inglês.

Os artigos devem ser concisos e objetivos, sem repetir o que existe nos livros de texto.

Devem objetivar responder perguntas ou apresentar aspectos novos, peculiares. O exagero no número de ilustrações e tabelas denota, quase sempre, o despreparo dos autores. Este problema sério nas publicações científicas brasileiras decorre do pequeno número de pesquisadores de bom nível e com capacidade de escrever artigos científicos em inglês. Alguns países mais ricos que o Brasil (Europa e Ásia) resolveram parcialmente a questão, contratando tradutores para assessoria editorial. Os custos de tal atividade, no Brasil, são, no entanto, proibitivos. Este é um desafio que apenas aos poucos e com muito esforço teremos de superar, nos educando progressivamente e às novas gerações.

R. Belfort Jr.